

Resenha

Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do mundo moderno
(BERGER, Peter L. / LUCKMANN, Thomas. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. 94 p.)

Adriano FLORENCIO¹

Abordar a sociologia do cotidiano com suas várias linhas de pesquisa e posicionamentos é uma tarefa das mais difíceis, tanto para os pesquisadores de áreas matrizes desse ponto de vista intelectual, como a Antropologia ou Sociologia, mas também para ciências derivativas, que é o caso da Comunicação.

O grande objetivo do livro é apresentar o ser moderno, plural e dotado de sentido que hoje habita e preenche os mais diversos espaços sociais, e a relação dialética da perda de sentido e a nova criação de sentido.

Que tipo de sociedade é constituída por esse ser? Como essas características apresentam-se e como elas agem de forma que ele seja ativo em seu meio? Esses questionamentos são trabalhados sistematicamente e a cada avanço das discussões mais lúcido torna-se o texto.

Modernidade, Pluralismo e crise de Sentido faz parte do arcabouço temático dos autores no que trata a sociologia do conhecimento e da construção social da realidade, temáticas contidas nos estudos do cotidiano e imaginário, tratando sobre orientação cultural.

Nessa obra são esclarecidos questionamentos como:

- A possibilidade de realizar o sentido tendo opções pluralistas?
- Como conservar uma identidade estável?
- Que sistema de valor orienta suas ideias de bom e mau?

Luckmann foi um professor de Sociologia na Universidade de Constança na Alemanha e tornou-se conhecido pelo livro: A construção social da realidade, editado em 1966 com Peter L. Berger. Este, por sua vez, foi um sociólogo e teólogo luterano austro-americano, conhecido por sua obra: A construção social da realidade, publicada em coautoria com o próprio Luckmann.

¹ Mestrando em Comunicação Social na Universidade Federal da Paraíba – UFPB.
E-mail: adrianoalmansour@gmail.com

Para uma melhor compreensão do livro é recomendável ao leitor que tenha um prévio conhecimento desse aporte científico expressado em outras obras dos autores como como o já citado, Construção social da realidade. Tratado de sociologia do conhecimento escrito em conjunto no ano de 1966, no qual os autores iniciam um debate sobre o conhecimento de instituições de fixação de propriedades culturais e a transmissão da cultura na sociedade.

O posicionamento dos autores no decorrer da obra é ao mesmo tempo provocativo e explicativo, trazendo reflexões constantes sobre o saber empírico e o saber científico, o que seria modernidade, o que seria um mundo plural e o que é ser plural assim como a busca pelo sentido e se fazer/ter sentido é de fato importante ante as implicações antes já expostas.

Os exemplos citados em suas explicações podem ser considerados os pontos mais fortes da obra, pois esses variam de exemplos corriqueiros, nos quais os leitores podem se ver inseridos comumente, tornando a reflexão sobre o que está sendo ali abordado muito mais simples de ser diluído conforme a leitura avança.

Podemos precisar que o livro é como uma grande demonstração, na qual os leitores fazem todo percurso junto aos autores, numa leitura muito didática.

A obra apresenta sete capítulos dos quais os temas centrais se sucedem e se desenvolvem em outros problemas que vão sendo resolvidos, fazendo com que o leitor navegue num rio de descobertas. A desembocadura desse rio caudaloso se dá em um oceano de informações ainda mais valiosas, pois os autores não apresentam um selamento de suas hipóteses.

A perspectiva de leitura abraça o esperado de uma obra que trate sobre temas tão latentes dentro da sociologia do cotidiano, cumprindo um papel de relevância para pesquisadores da obra. Podemos dizer que a obra é extremamente didática em suas explanações, busca trazer reflexões e questionamentos pontuais e de fácil assimilação.

Já nos primeiros capítulos abordando os conceitos de sentido, mas não de forma direta, os autores abarcam a desorientação e a orientação do homem no mundo moderno, tomando como base do pensamento a vida e o seu paralelo com a morte.

Fazendo considerações antropológicas previas alertam que devemos levar em consideração estruturas básicas da significância da vida humana para chegar ao entendimento das mudanças históricas do sentido e sua formação. Explica que o sentido

além de ser constituído na consciência humana nasce no ser individualizado por meio de processos sociais, deixando claro, ao longo do capítulo, que o sentido é a consciência de que existe uma relação entre as experiências vividas pelo ser humano.

A medida que os autores discorrem sobre os postulados do sentido, começam a adentrar nas implicações que resultam na crise de sentido, reforçando o entendimento de que o sentido formado anteriormente com auxílio das experiências vividas, são colocados à disposição por acervos do conhecimento. Estes seriam repositórios nos quais os seres humanos aglutinam o conhecimento adquirido através da vivência e socialização.

Socialização efetivada por instituições essas que existem para reger o nosso sentido de forma objetiva. Ao longo do capítulo vamos percebendo que os pontos apresentados detalhadamente pelos autores são essenciais no advento de um elemento essencial para as comunidades de vida com suas ações regulares diretas e reciprocas no qual o seu compósito é o próprio sentido.

A partir do terceiro capítulo notamos que se encerram as premissas e o problema central do livro começa a ser tratado; a linguagem continua simples, mas com muita objetividade. Antes mesmo de chegar ao tema da crise de sentido vemos a passagem pela temática do pluralismo, denotando que o pluralismo forma-se na coletividade, não só de pessoas, mas de ideias, posicionamentos e formas de socialização no mesmo espaço de convivência social.

Algumas palavras são notadas como chave, na compreensão textual como por exemplo pluralismo moderno; por meio dessa expressão é desencadeado todo o raciocínio que permeia o quarto capítulo do livro, sendo a auto evidência aquilo que o indivíduo lhe tem dado as vistas como estável e definido, líquido e certo.

Aludindo ao pensamento de teóricos de diversas escolas de teoria da comunicação como a Escola de Frankfurt, o capítulo traz a reflexão sobre as diversas tendências ideológicas, abordando os “remédios” para as doenças da sociedade.

Ainda nesse capítulo, segundo os autores, as sociedades podem lidar terapeuticamente com as crises de sentido, porém contra a diferenciação (modernidade) e o pluralismo não há “remédio” que não seja de efeito mortal.

Tendo em vista que entre as características mais marcantes do nosso tempo temos como protagonista a formação das identidades nas sociedades modernas; essas

com seu crescimento, rápido, enérgico e voluptuoso, acaba por trazer consigo questionamentos que, no afã de serem desvendados, levam a pesquisas das quais essa obra aqui resenhada é uma amostra.

Para reforçar o entendimento das questões a que se pontuam, os autores valem-se de perspectivas comuns. Seu pensamento parte do senso comum até o nível científico, como fazem quando utilizam o exemplo do hábito no quinto capítulo do livro. Sua significância para coesão e não rompimento da coesão social, pois os próprios autores enfatizam que os tempos difíceis desencadeiam crises de sentido, mas alguns setores permanecem inalterados, já que estão sob a tutela de costumes antigos. Assim, exemplificam os rituais de passagem.

Uma das passagens mais importantes do livro que ajuda-nos a ter ideia da importância do tema tratado e sua abrangência na pesquisa científica está na página 70, a qual os autores são explícitos ao dizer: “A sociedade moderna criou uma série de instituições especializadas na produção de sentido”. Temos então nessa passagem o que nos leva a concluir que o livro não tem por intenção nos mostrar o que seria uma modernidade, um pluralismo ou uma crise de sentido, mas sim, nos conectar à reflexão de como essas instâncias se formam e agem no dia a dia dos indivíduos e da sociedade.

Apesar de não ser uma obra exaustiva, o livro oferece bom entendimento para os que buscam-na como referencial inicial dos conceitos do cotidiano e do imaginário, mesmo tendo de reforçar que, para uma compreensão mais eficaz são necessárias leituras complementares, principalmente da obra em que os autores tratam da construção da realidade social escrita em 1966.